



CARTA MENSAL

Colégio Brasileiro de Genealogia

Ano XXVIII - Nº 127 - maio/jun 2015

ASSOCIADOS EM DESTAQUE

Apenas ressaltando atuações no Sistema Globo de Comunicação (jornais, revistas e TV), destacamos nesses dois meses:

NIREU CAVALCANTI

- O Globo, 13 de maio –matéria sobre a avenida de Copacabana que leva o nome da Princesa Isabel. Um trecho: “Ao usar as ruas para trafegar pela História, Nireu vê nas esquinas a chance de um acerto de contas com o passado, a começar pelo esforço por manter de pé os símbolos imperiais, apesar da queda da monarquia um ano e meio após a Abolição: — Sou republicano mas não acho que (monarquistas) deveriam ter sido banidos como fizeram. A Rua Conde D’Eu virou Frei Caneca, a Praça Pedro II se tornou Praça XV e o Largo Isabel, a Redentora, voltou a ser apenas Largo da Lapa.”

- Revista O Globo, publicação dominical do jornal do mesmo nome, em 17 de maio, matéria sobre o conjunto de casarões amarelo-ouro, de dois andares, na Ladeira da Glória, e que estão sendo revitalizados: “A Villa Aymoré é de um sentido histórico importantíssimo. A região marca o início da ocupação do Rio de Janeiro. É um dos pontos mais ilustrados na iconografia da cidade (...). — observa o historiador e arquiteto Nireu Cavalcanti.”

- O Globo, 18 de maio – matéria “Adeus à última estação de bondes” – (...) “a antiga estação será demolida para dar lugar a um salão de beleza. — Isso é uma péssima notícia. Apesar de ter linhas arquitetônicas simples, o valor do prédio é grande. É a última referência que resta do sistema de bondes puxados por cavalos na Tijuca — diz o arquiteto e historiador Nireu Cavalcanti.”



- O Globo, 31 de maio – Editoria Rio, matéria de quase página inteira: “Roteiro: viagem no tempo pelo Rio Antigo”, onde Nireu destaca a importância do Largo da Misericórdia para a cidade e que pode ser vista em

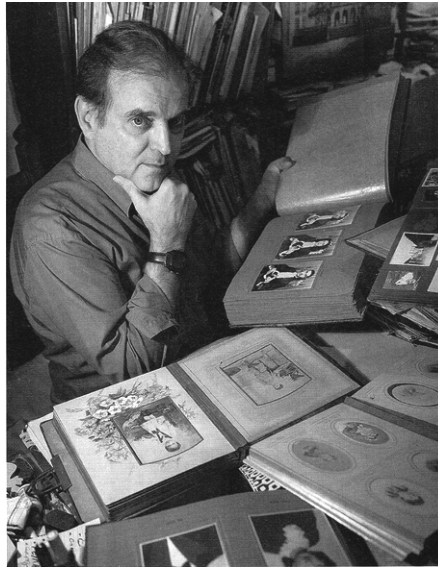
<http://oglobodigital.oglobo.globo.com/epaper/viewer.aspx?Key=q8e5xo5fq687wxcu2jjj6ihxuutwjnd6bddd7dfuv2ddsm222#>

- O Globo, 3 de junho – Editoria Rio, matéria “Um passeio pela história da Marinha”: “O trecho da orla da cidade onde estava o Arsenal de Marinha da Corte, que teve origem num estaleiro criado pelo Conde da Cunha, em 1763, chamou a atenção de estudiosos da história do Rio. Um grupo de 12 pesquisadores, entre historiadores, arquitetos, arqueólogos, artistas plásticos e designers participou ontem de uma visita — organizada pelo arquiteto e historiador Nireu Cavalcanti - às dependências da Marinha.”

- E na edição de sábado, 6 de junho, no jornal O Globo, discorreu sobre o Campo de Santana, no Rio: “ No começo, ele era um campo fora dos limites da cidade, um grande areal. Depois, começaram a surgir ali grandes chácaras e foi construída a Igreja de São Domingos. Por volta de 1750, o perímetro urbano da cidade já ia até o Campo de Santana. Ele, então, começa a ser usado como espaço para exercícios militares e para festas e comemorações populares. Ali aconteciam, inclusive, touradas.”

CARLOS EDUARDO BARATA

- TV Globo, 30 de maio – início da série “Origem das Estrelas” no programa “Estrelas”, conduzido pela apresentadora Angélica aos sábados à tarde. As pesquisas são desenvolvidas pelo nosso confrade e se transformam, pela ação criativa da produção, em momentos de emoção e surpresa. O primeiro episódio trouxe o ator, diretor e autor Miguel Falabella; outras “celebridades” virão a seguir. Todas têm conhecimento de que serão alvo de pesquisa sobre suas origens, fornecem previamente alguns dados para nortear o estudo, mas desconhecem totalmente o que vão encontrar no momento da gravação do programa. Pela amostra nessa primeira apresentação, é uma excelente oportunidade de divulgar a genealogia, trazendo-a mais para perto do público - e o CBG vem sentindo isto pela quantidade de telefonemas recebidos e pelo aumento de visitas à página online. Este primeiro programa pode ser assistido em <http://gshow.globo.com/programas/estrelas/O-Programa/noticia/2015/05/miguel-falabella-descobre-que-e-primo-de-malu-mader-e-recebe-recado-da-atriz.html>



- Revista O Globo, publicação dominical do jornal do mesmo nome, 07 de junho – reportagem de Mauricio Meireles : “Carlos Eduardo Barata – Um dos principais genealogistas em atividade no país, pesquisador descobre antepassados de artistas em novo quadro do 'Estrelas'”. A quantidade de telefonemas ao CBG no dia seguinte, plantão de atendimento, mostrou bem o alcance da matéria.

ASSOCIADOS SÃO NOTÍCIA

- **Carlos Alberto da Silveira Isoldi Filho**, por proposta do Procurador Geral da Justiça do Estado de Minas Gerais, foi agraciado com a Medalha da Inconfidência, conferida pelo Governo desse Estado, em cerimônia acontecida a 21 de abril em Ouro Preto, antiga Vila Rica.
- o mesmo confrade, já tendo efetuado “expedição genealógica” com duas tias, conforme noticiado na Carta Mensal nº 125, prepara-se para retornar à Itália, desta vez levando o sogro para conhecer a cidade do avô, no Vêneto. Com eles irão duas cunhadas com cônjuges e filhos, e mais os sogros de uma delas. Como ele mesmo disse: “será tanta gente falando e discutindo ao estilo italiano que os locais nem perceberão que somos brasileiros!!”
- **Roberto Guião de Souza Lima**, em evento intitulado *Arquitetura do Café no Vale do Paraíba*, sessão de estudos e pesquisa do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro - IHGRJ, do qual também o confrade é membro, proferiu a palestra *Paraíso e Secretário: partidos arquitetônicos similares de palacetes rurais do café no Vale*, no dia 11 de junho;
- **Luiz Alberto Dias Lima de Vianna Moniz Bandeira**, “em reconhecimento aos relevantes serviços prestados ao Brasil, e em especial, a Santo Amaro da Purificação (BA), cuja história da família Vianna Bandeira se confunde com a história da Cidade”, no dia 14 de junho recebeu o Título de Cidadão Santamarense.

NOTÍCIAS DO CBG

- **Novos associados** – Com alegria, o CBG dá as boas vindas aos novos associados Colaboradores: José Luiz de Mello Rego Neto, São Paulo-SP e Valdemir Miranda de Castro, Esperantina-PI, aprovados pela Diretoria para integrar o Quadro Associativo. Estamos felizes por tê-los conosco!
- **Biblioteca** - Informamos aos novos associados - e recordamos aos antigos - que o Estatuto CBG traz em seu Art. 12 - item b a obrigação do associado em "doar à biblioteca um exemplar das publicações de sua autoria nas áreas de interesse do Colégio". Em razão do exíguo espaço para guarda, só temos como adicionar a nosso acervo obras eminentemente genealógicas ou que tenham, em seu conteúdo, pelo menos uma boa parte que trate de genealogia, nossa precípua razão de existência.

Registramos nossos sinceros agradecimentos aos que enviaram volumes de sua autoria, ou de outrem, para ampliar o acervo CBG. São os seguintes os livros registrados no período.

- *Genealogia Sergipana*, vol. I - de **Ricardo Telles Araújo**, doação do autor.

Neste primeiro volume, ao qual pretende o autor venham a seguir-se outros, são apresentadas as famílias Ribeiro Guimarães, de Laranjeiras-SE e a de Domingos José de Oliveira.

- *Vital Brazil – Meu Pai* - de **Lael Vital Brazil**, doação do Instituto Vital Brazil

Vida e obra de Vital Brazil Mineiro da Campanha, nascido em 28 de abril de 1865, em Campanha, Minas Gerais, e falecido em 8 de maio de 1950, no Rio de Janeiro. É considerado um dos grandes nomes na história da ciência. Médico e sanitarista, foi um dos primeiros pesquisadores de toxilogia nas Américas e de medicina experimental no Brasil.

De **Adauto Ramos**, doação do autor

- *Permínio Asfora, centenário de nascimento*

Dados biobibliográficos do escritor piauiense Permínio de Carvalho Asfora,

- *Engenho Melancias*, roteiro para sua história.

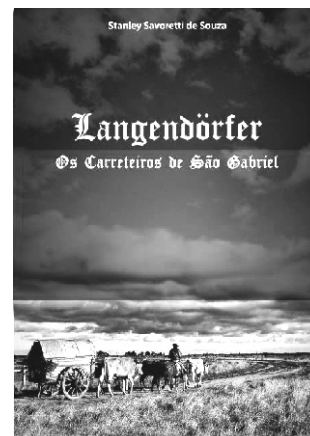
Sobre o engenho, localizado no atual município de Sapé, Paraíba, com transcrição de inventário e outros documentos do proprietário Major João Coelho de Souza.

- *Escreptos de Hontem*

Coletânea de documentos, registros e assentos encontrados nas pesquisas do autor em jornais antigos, arquivos paroquiais, fóruns e cartórios de registro, concernentes ao Estado da Paraíba.

OUTRAS NOTÍCIAS

- **Lançamento de livro** - O confrade Stanley Savoretti de Souza, de Belo Horizonte-MG, apresenta sua primeira obra genealógica. Conhecido pesquisador das "Gerais", o autor aventura-se por outras terras e traz a saga dos Langendörfer, descendentes de Johann Langerdörfer, prussiano, de confissão luterana, que chegou ao Brasil antes de 1855, acabando por radicarse em São Gabriel, Rio Grande do Sul. O município é conhecido como Terra dos Marechais, por ser a cidade natal dos Marechais João Propício Menna Barreto, Barão de São Gabriel; Hermes Rodrigues da Fonseca, João Batista Mascarenhas de Moraes e Fábio Patrício de Azambuja, mas é também terra dos carreteiros, ofício que Johann assumiu integralmente. Passou a assinar João Langerdorf, casou-se em 1874 com Felisbina Gomes de Oliveira e deixou vasta descendência, toda na mesma profissão. Mesmo com a atividade desaparecendo, até hoje todos os estudos e referências aos carreteiros do Rio Grande do Sul obrigatoriamente citam os Langendorf.
- **Simpósio** - A Associação Brasileira de Pesquisadores de História e Genealogia – ASBRAP, em parceria com o Laboratório de Estudos Judaicos, do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa, Portugal, fará realizar no dia 7 de novembro de 2015, sábado, de 9 às 17 horas, na cidade de São Paulo, o **Simpósio sobre a Documentação do Tribunal do Santo Ofício**, contando com especialistas nacionais e internacionais.. O evento se dará no Mosteiro de São Bento, Largo de São Bento s/nº, centro da cidade de São Paulo, Brasil. A documentação do Tribunal do Santo Ofício é uma das joias do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em Portugal e, no Simpósio, além da sua contribuição para o estudo da Genealogia, também será abordada na ocasião a atribuição de cidadania portuguesa aos descendentes de cristãos-novos portugueses.



No antigo Palácio da Justiça (cidade do Rio de Janeiro) conhecemos as histórias da Justiça fluminense não apenas pela suntuosidade de seus salões, seus belos vitrais e pinturas murais estampadas pelas paredes, mas também, por meio da memória das pessoas que por ali passaram. Entre elas, encontramos Myrthes Gomes de Campos, a primeira mulher a exercer a advocacia no Brasil e que, de 1924 até a sua aposentadoria, em 1944, exerceu o cargo de encarregada pela Jurisprudência do Tribunal de Apelação do Distrito Federal, que funcionou no antigo Palácio, de 1926 até 1946. Além de funcionária da Justiça ela foi, também, a primeira mulher advogada a ingressar no antigo Instituto da Ordem dos Advogados do Brasil, atual Instituto dos Advogados do Brasil.



Myrthes nasceu em Macaé, Norte-Fluminense, em 1875 e, desde cedo, mostrou gosto pelo aprendizado das leis. Na época, porém, era impensável que uma mulher construísse uma possibilidade de existência fora do casamento. Sua família ficou escandalizada quando a jovem expressou o desejo de ir para a Capital, ingressar na Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro e seguir a carreira de advogada. Concluiu o bacharelado em Direito em 1898, mas, devido às fortes discriminações, apenas em 1906 conseguiu ingressar no quadro de sócios efetivos do Instituto dos Advogados do Brasil, condição necessária para o exercício profissional da advocacia.

Em 1899, data da sua primeira tentativa de ingresso nesse Instituto, Myrthes foi orientada a candidatar-se como estagiária, já que os estatutos da casa destinavam vagas dessa categoria para os advogados formados há menos de dois anos. E, em 6 de julho de 1899, a Comissão de Justiça, Legislação e Jurisprudência pronunciou-se a seu favor, considerando que: "[...] não se pode sustentar, contudo, que o casamento e a maternidade constituam a única aspiração da mulher ou que só os cuidados domésticos devem absorver-lhe toda atividade; [...] Não é a lei, é a natureza, que a faz mãe de família; [...] a liberdade de profissão é como a igualdade civil da qual promana, um princípio constitucional; [...] nos termos do texto do art. 72, § 22 da Constituição o livre exercício de qualquer profissão deve ser entendido no sentido de não constituir nenhuma delas monopólio ou privilégio, e sim carreira livre, acessível a todos, e só dependente de condições necessárias ditadas no interesse da sociedade e por dignidade da própria profissão; [...] não há lei que proíba a mulher de exercer a advocacia e que, importando essa proibição em uma causa de incapacidade, deve ser declarada por lei [...]" (Revista IOAB, 6 jul. 1899).

No entanto, mesmo com esse parecer, apenas em 1906, esse Instituto aceitou-a de forma plena em seus quadros. Sua filiação foi aprovada em assembleia com 23 votos a favor e 15 contra. Nesse mesmo ano de 1899, Myrthes teve uma chance de atuação como defensora no Tribunal do Júri. Era a primeira vez que uma mulher entraria em um Tribunal de Justiça exercendo a profissão de advogada. O fato, totalmente inusitado para a época, foi amplamente noticiado nos jornais. Durante o julgamento, com a plateia lotada para assistir a atuação da primeira advogada brasileira, Myrthes surpreendeu o juiz, os jurados e até o réu com o seu profundo conhecimento do Código Penal e, sobretudo, pelo seu poder de argumentação. Ela venceu o promotor até então considerado imbatível e conseguiu a absolvição do réu.

Em seu discurso de abertura dos trabalhos de defesa, Myrthes tratou de reafirmar a importância histórica de sua atuação. "[...] Envidarei, portanto, todos os esforços, a fim de não rebaixar o nível da justiça, não comprometer os interesses do meu constituinte, nem deixar uma prova de incapacidade aos adversários da mulher como advogada. [...] Cada vez que penetrarmos no templo da justiça, exercendo a profissão de advogada, que é hoje acessível à mulher, em quase todas as partes do mundo civilizado, [...] devemos ter, pelo menos, a consciência da nossa responsabilidade, devemos aplicar todos os meios, para salvar a causa que nos tiver sido confiada. [...] Tudo nos faltará: talento, eloquência, e até erudição, mas nunca o sentimento de justiça; por isso, é de esperar que a intervenção da mulher no foro seja benéfica e moralizadora, em vez de prejudicial como pensam os portadores de antigos preconceitos." (O País, Rio de Janeiro, p. 2, 30 set. 1899).

Sua presença no Tribunal era sempre um grande evento, reunindo curiosos e provocando o debate acalorado sobre a atuação da mulher na sociedade. O criminalista Evaristo de Moraes (1871-1939) referia-se a ela como "[...] pequenina e vivaz, dominando logo pela sua agudeza de espírito e a amenidade do trato" (MORAIS, 1983, p. 121).

Myrthes também se dedicou profundamente aos estudos jurídicos. Foi colunista efetiva do Jornal do Commercio, responsável pelo preparo das matérias judiciais e assinou artigos em jornais e periódicos especializados, como a Revista do Conselho Nacional do Trabalho, a Folha do Dia e a Época, as duas últimas dirigidas pelo advogado Vicente Piragibe. Foi autora, também, de importantes obras no campo da jurisprudência, destacando-se os seguintes trabalhos: Justificação de uma emenda ao artigo 4 do projeto criando a Ordem dos Advogados (1914), O Direito ao aborto (resposta à questão formulada pelo dr. Leonídio Filho: É lícito provocar o aborto nas mulheres válidas na guerra?) (1915), Voto feminino e serviço militar (1929), O voto feminino e os fundamentos de uma sentença (1929), O voto feminino. A propósito da decisão da Junta de Recursos Eleitorais do Estado do Rio de Janeiro (1929), Voto Feminino e a jurisprudência (1930), A propósito da mulher jurada. Decisões divergentes (1930), Clovis Beviláqua e a emancipação jurídica da mulher (1932), Código Eleitoral, voto feminino e direito da família (1933) e Os advogados brasileiros e a advocacia feminina (1937).

Fontes:

GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal e FERREIRA, Tania Maria Tavares. Myrthes Gomes de Campos: pioneirismo na luta pelo exercício da advocacia e defesa da emancipação feminina. In: Revista do Instituto de Estudos de Gênero, v.9, n.2, p.135-151, 1 sem. Niterói, RJ, 2009.

SHUMAHER, Schuma e BRAZIL, Érico Vital (org.). Dicionário das mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade. Ed. Jorge Zahar. Rio de Janeiro, RJ, 2000.

NOTAS SOBRE PARTE DA DESCENDÊNCIA DO BARÃO DE BONITO

Autor: Gileno Dé Carli

Trecho extraído do livro "História de uma Fotografia", 1985.

O Barão de Bonito (1) foi o criador da usina Pedrosa, situada no município de Cortês (2), quase no limite entre a Zona da Mata e o Agreste. Era sua filha Marcelina Pedrosa (3), que casou com José Piauilino Gomes de Melo que, com a morte do sogro, ficou à frente da usina.

(1) Manuel Gomes da Cunha Pedrosa

(2) Município do Estado de Pernambuco, distante 86 km da capital Recife.

(3) Luiza Marcelina

Desse casamento houve treze filhos, duas filhas permaneceram solteiras, uma Celina com a idade de 93 anos, inteiramente lúcida, é religiosa da Ordem das Damas Cristãs. E vários dos filhos se encaminharam para a agricultura canavieira. José Piauilino se situou no Engenho Serra Azul (4) – que depois se transformou em Usina do mesmo nome. Maria, que casou com Caetano Queiroz Monteiro, em primeiras núpcias, enviuvando passou cinco anos em Paris e ao regressar casou com Joaquim Carpinteiro Perez, de origem espanhola. Sebastiana, que plantou cana nos engenhos Conceição e Poço, casou com José Vieira, fornecedor de cana da Usina Bom Jesus, e irmão de D. Benvinda, esposa de João Lopes de Siqueira Santos, dono da Usina. José Vieira durante muitos anos foi representante dos fornecedores de cana de Pernambuco na Comissão Executiva do Instituto do Açúcar e do Alcool. Izabel que casou com Luiz Cavalcanti Monteiro, senhor do engenho Camevouzinho, em Palmares, deixando uma tradição de equilíbrio e conforto na casa-grande senhorial, e bem provida de tudo, pois de fora só comprava o sal.

(4) Serro Azul



Leopoldo Pedrosa era senhor de engenho, em 1917 comprou ao Estado, no Governo de Manoel Borba, a usina 13 de Maio, havida por execução da dívida do tempo das concessões de juros, em nome de sua mãe, viúva Luiza Pedrosa. (...). Em 1965/66 a Usina 13 de Maio teve o mais baixo rendimento industrial do Estado. (...) Conseguiu passar a usina aos herdeiros – sobrinhos – porém com muitas dívidas. Não puderam eles levar adiante a Usina, que foi vendida a Fernando Rodrigues que não a pôde sustentar. Hoje (obs.:1985), a partir de 3 de março de 1982, pertence aos herdeiros de Fernando Pessoa de Melo, da Usina Água Branca, João Carlos e Eduardo.

Entre os inúmeros militares associados CBG, em homenagem ao dia 11 de junho, data magna da Marinha do Brasil, destacamos o Contra-Almirante Lucas Alexandre Boiteux [1881–1996], considerado o maior historiador naval brasileiro. Apaixonado por sua terra natal, Santa Catarina, foi quem desenhou o brasão de armas do estado.



Na obra *Genealogia Matogrossense*, José de Mesquita aborda, no Título Sétimo, o Barão de Casalvasco, Firmo José de Mattos. Aqui na Carta Mensal complementamos os dados apresentados pelo grande genealogista, que, ampliados, serão objeto de futuro trabalho a ser brevemente publicado. Focalizando neste boletim apenas os dados genealógicos, os acréscimos feitos pelos autores estarão **precedidos dos símbolos ##**.

(Parte 1: Carta Mensal 125, jan-fev 2015; parte 2: Carta Mensal 126, mar-abr 2015)

Terceira e última parte

Recuperação resumida do fim da parte 2/3, para melhor acompanhamento deste último segmento:

CAPÍTULO III

Adelaide Amélia de Mattos Magalhães, casada, em 1884, com Dr. Ascindino Vicente de Magalhães.

3.1 Adelaide Amélia de Mattos / Mattos Magalhães, cas. 1884 com Acyndino Vicente de Magalhães

Filhos de Adelaide e Acyndino:

§ 1º *Dr. Antonio de Mattos Magalhães*

3.1.1 Antônio Mattos de Magalhães

§ 5º *Dr. Plínio de Mattos Magalhães*

3.1.2 Plínio Mattos de Magalhães

§ 2º *Guiomar Magalhães de Almeida, casada com o Dr. Garcia de Almeida Junior.*

3.1.3 Guiomar Mattos de Magalhães / de Magalhães Garcia

§ 3º *Carmen de Mattos Magalhães.*

3.1.4 Carmen Mattos de Magalhães

§ 4º *Dr. Firmo de Mattos Magalhães.*

3.1.5 Firmo Mattos de Magalhães, advogado, nasc. 23.10.1895 Rio de Janeiro-RJ (70), graduado em 26.12.1915,; cas. 27.06.1922 em Icaraí, Niterói-RJ (71) com Isabel Abreu Lima de Barcellos, nasc. 08.10.1901 São João da Barra – RJ (72), filha de João de Barcellos e Laura Abreu Lima de Barcellos, fal. 26.12.1991 Rio de Janeiro-RJ (73), sepult. Cem. São João Batista, Botafogo, Rio. Com geração.

(70) Rio – 7ª Circ., out1895-jan1896, 179v;

(71) Icaraí, dez1921-set1922, 137 e ss;

(72) Cfe. certidão de nascimento do filho Fernando;

(73) 5ª Circ nov1991-jan1992, 225v.

§ 6º *Dr. Homero de Mattos Magalhães.*

3.1.5 Homero Mattos de Magalhães, advogado, nasc. 04.11.1897 Rio de Janeiro-RJ, fal. 09.12.1988 Rio de Janeiro-RJ (74); cas. com Edith Lima Batalha, nasc. 30.11.1908 (75), filha de Darcet Rodrigues Batalha e Julieta Lima Batalha. Sem geração.

(74) Arquivo CBG de recortes de jornal - avisos de falecimento.

(75) Árvore genealógica de familiar.

Filho não citado por José de Mesquita:

3.1.6 Milton Mattos de Magalhães, corretor de imóveis, nasc. 1899 (76). Casou. Sem maiores informações

(76) Nos jornais: alistamento – classe de 1899.

CAPÍTULO IV

Amália de Mattos Wanderley, casada com o Comte. Francisco Marianni Wanderley, baiano, de nobre estirpe dos Wanderley, de que procedeu o Barão de Cotegipe 8 filhos: Guiomar § 1º / Francisca § 2º / Maria da Gloria § 3º / Maria Augusta § 4º / Fernando § 5º / Margarida § 6º / João Maurício § 7º / Francisco § 8º

Amália Amélia de Mattos / de Mattos Wanderley, nasc. 25.06.1873 Cuiabá-MS(77), fal. jan-1950 Rio de Janeiro-RJ (78); cas com Francisco Mariani Wanderley, militar de Marinha, nasc 09.10.1857 na Bahia (79), filho de Manuel Nabuco Mariani e Rita de Cassia Wanderley, fal. 14.10.1927 Rio de Janeiro-RJ (80).

(77) Arquivos Guilherme Serra Alves Pereira;

(78) Informação do bisneto Luiz Armando Wanderley. Também jornal A Cruz (Cuiabá-MT) – 22.01-1950;

(79) Almanaque da Marinha brasileira;

(80) Correio da Manhã – 19.10.1927: missa dia 20. Também Revista Marítima Brasileira nº 5, 1927.

Filhos de Amália Amélia e Francisco:

§ 1º Guiomar Wanderley Borges, foi esposa do oficial da marinha Tte. Frederico Augusto Borges Filho, e faleceu em consequência de lamentável desastre, na praia de Copacabana, em 1909, morrendo na mesma ocasião o seu esposo e uma irmã. Deixaram 1 filho em tenra idade.

4.1 Guiomar de Mattos Wanderley, nasc. 24.11.1893 Rio de Janeiro-RJ (81), fal. 25.03.1911 Rio de Janeiro-RJ (82); cas. aos 16 anos, em 11.12.1909 Corumbá-MS (83) com Frederico Augusto Borges Filho, militar de Marinha, nasc. 19.02.1884 no Ceará, filho de Frederico Augusto Borges e Izabel de Faria Lemos Borges, fal. 25.03.1911 Rio de Janeiro, RJ, causa mortis: afogamento; sem sepultamento, porque o corpo desapareceu no mar e nunca foi encontrado.

(81) Rio – 8ª Circ. 22, fl....., termo 1366;

(82) Rio - 10ª Circ. 40, 126 e Revista Careta nº 148 – 01.04.1911

(83) Correio do Estado (Corumbá-MS) – 15.12.1909.

Filho de Guiomar e Frederico Augusto:

4.1.1 Frederico Wanderley Borges, Fred, nasc. 13.11.1910 Rio de Janeiro-RJ (84) , fal. 12.03.1936 Correas-RJ (85); cas. com Martha Álvares de Souza, nasc. 16.03.1919 Rio de Janeiro-RJ (86), filha de Paulo Alvares de Souza e Amália Belfort Quadros, fal. 30.03.1999 Rio de Janeiro-RJ (87). Com geração: 1 filho.

(84) O Paiz – 13.11.1911 – 1º aniversário de “Frede”

(85) Jornal do Brasil – 12.04.1936 – obituário;

(86) Arquivos Guilherme Serra Alves Pereira

(87) Arquivos Guilherme Serra Alves Pereira§

2º Francisca Wanderley Pinto, viúva do Capitão Sebastião Pinto da Silva, 3 filhos: 1 - Marino / 2 - Heitor / 3 - Sylvio

4.2 Francisca de Mattos Wanderley / Wanderley Pinto da Silva, Chiquinha, aniversariava 24.02, fal. set-1972 Corumbá-MS (88) ; cas. com Sebastião Pinto da Silva, militar, fal. 1918 no Paraná (89)

(88) Jornal do Brasil – 03.10.1972: convite para missa 7º dia informou local do óbito;

(89) Informação de Augusto Maurício, sobrinho de Francisca.

Filhos de Francisca e Sebastião:

1º Marino W. Pinto

4.2.1 Marino Wanderley Pinto da Silva, comerciante, nasc. 1915 (90) em Mato Grosso, fal. 03.11.1963 Rio de Janeiro-RJ (91); cas. com Lourdes Monteiro. Com geração: 4 filhos.

(90) Ano de nascimento estimado pelo óbito: aos 48 anos;

(91) Rio - 5ª Circ 251, 94

2º Heitor W. Pinto

4.2.2 Heitor Wanderley Pinto da Silva, comerciário, nasc. 1916 no Paraná (92), fal. 01.04.1939 Rio de Janeiro-RJ (93), sepult. 02.04 Cem. São Francisco Xavier, Caju, Rio.

(92) O óbito informa o local de nascimento e a idade 23 anos, estimando-se a data.

(93) Rio - 5ª Circ 130, 25v.

3º Sylvio W. Pinto

##4.2.3 Cid Wanderley Pinto da Silva, cas. com Ilka de Campos, com geração: 5 filhos.

§ 3º *Maria da Gloria Wanderley, falecida solteira, no desastre acima referido.*

4.3 Maria da Glória de Mattos Wanderley, Glorinha, nasc. 1898 (94), fal. 25.03.1911 Rio de Janeiro-RJ (95), por afogamento em Copacabana, juntamente com a irmã Guiomar e o cunhado.

(94) Arquivos de Guilherme Serra Alves Pereira.

(95) Rio - 5ª Circ 45, 79v.

§ 4º *Maria Augusta Wanderley Gomes da Silva, esposa do Dr. Estevam Gomes da Silva. (Tit. II Cap. IX § 2 nº 7) Sem prole.*

4.4 Maria Augusta de Mattos Wanderley / MA Wanderley Gomes da Silva, nasc. c.1902 Corumbá-MS, fal. 17.10.1964 Rio de Janeiro-RJ (96); cas. com Estêvão Gomes da Silva, advogado, nasc. c.1903 Corumbá-MS, filho de Joaquim Eugênio Gomes da Silva e Maria das Mercês Gomes da Silva, fal. 11.07.1960 (97). Sem geração.

(96) Rio - 5ª Circ. 257, 79v.

(97) Correio da Manhã - 12.07.1960: convite sepultamento.

§ 5º *Fernando Wanderley.*

4.5 Fernando de Mattos Wanderley, comerciante, nasc. 21.11.1903 Corumbá-MS (98), fal. 04.01.1950 Rio de Janeiro-RJ (99); cas. 14.06.1934 Igr. N.Srª da Paz (100), Ipanema, Rio de Janeiro-RJ com Nydia da Cunha e Menezes, nasc. 07.07.1913 Rio de Janeiro (101), filha de José Félix da Cunha Menezes e Gabriela Koeler da Cunha Menezes, fal. 02.08.2001 Rio de Janeiro-RJ (102). Com geração: 6 filhos.

(98) Arquivos do genealogista Ivo Wanderley.

(99) Informação do genealogista Ivo Wanderley e Correio da Manhã - 05.01.1950: falecimento e sepultamento mesmo dia;

(100) Jornal do Brasil - 17.06.1934: "realizou-se no dia 14 deste..."

(101) Arquivos do genealogista Ivo Wanderley.

(102) Informação da filha Maria Nydia.

§ 6º *Margarida Wanderley.*

4.6 Margarida de Mattos Wanderley, fal. jun-1994 Rio de Janeiro-RJ (103); cas. com Octavio Costa Marques, advogado, filho de João Epiphânio da Costa Marques e Maria Cassiano, fal. 15.05.1963 Rio de Janeiro-RJ (104), sepult 16.05 Cem. São João Batista, Botafogo, Rio.

(103) Jornal do Brasil - 23.06.1994: convite missa mesma data;

(104) Rio - 5ª Circ. 248, 65.

§ 7º *João Mauricio Wanderley.*

4.7 João Maurício Wanderley, nasc. c.1907 Corumbá-MS (105), fal. 07.07.1990 Rio de Janeiro-RJ (106); cas. com Siméia Salomão. Divorciados.

(105) Arquivos Carlos Eduardo Barata;

(106) Rio - 5ª Circ. 382, 133v.

§ 8º *Francisco Marianni Wanderley Filho.*

4.8 Francisco Mariani Wanderley, nasc. 24.10.1909 Corumbá-MS (107), fal. 07.12.1990 Rio de Janeiro-RJ (108); cas. com Judith Varejão Congro, Juditinha, filha de Rosário Congro e Judith Varejão, fal. 25.11.1975 Recife-PE (109), sepult. 27.11.1975 Cem. São Francisco Xavier, Caju, Rio.

(107) Correio do Estado (MS) - 27.10.1909: "Nasceu no dia 24 do corrente...";

(108) Informação do neto Luiz Armando Wanderley, confirmada - Rio-5ª Circ. 393, 70;

(109) Jornal do Brasil - 27.11.1975: convite missa.

CAPÍTULO V

Leopoldo de Moraes Mattos casado com Camélia de Mattos, ocupa, há muitos anos, o cargo de Delegado Fiscal do Estado em Manaus.

5. Leopoldo Moraes e Mattos, delegado fiscal, fal. 22.01.1928 Manaus-AM (110); cas. com Camélia.

(110) Correio da Manhã (RJ) – 24.01.1928: ampla descrição do sepultamento.

CAPÍTULO VI

Affonso de Moraes Mattos, casado com Maria Eloyna Correa de Mello Mattos.

6. Affonso de Moraes Mattos, militar, cas. 1916 no Rio de Janeiro-RJ com Maria Eloyna Corrêa de Mello (111). Sem outras informações.

(111) Proclamas na 3ª Pretoria (Santana), hoje 6ª Circ, em 21

Fim do artigo sobre a descendência de Firmo José de Mattos

W.W.W.

Colaboração: **Stanley Savoretti de Souza**, Belo Horizonte, MG

- Genealogia Tcheca

Site sobre genealogia da atual República Tcheca, com um link para os arquivos de estado do país, com direito a acesso às imagens dos livros.

<http://www.genealogie.cz/aktivita/digitalizace>

Colaboração de **Geraldo Dutra de Andrade Neto**, de Foz do Iguaçu-PR:

- Escrituras públicas – Rio de Janeiro – séculos XVII a XIX

No endereço pode-se pesquisar base de dados que contém escrituras públicas de ofício de notas do Rio de Janeiro dos séculos XVII a XIX (volume maior no séc. XVIII), com resumo de cada escritura. Além de interessante, dá nome de pessoas e muitas vezes parentescos, nomes de pais, etc. Colocando o nome ou palavra em "Descrição", sem alterar os outros campos, faz busca em todas as escrituras do banco de dados.

<http://www.mauricioabreu.com.br/escrituras/>

MOÇOS FIDALGOS

Revista Genealógica Latina – 1968, vol. XX, p. 150.

Lista dos 32 que vieram a São Paulo, em 1572, com Martim Afonso de Souza:

ADORNO – Antônio, Francisco e Paulo Dias.

ALMEIDA – Antonio Rodrigues de

ALTERO - Cristovão de Aguiar

BORGES – Baltazar

COLAÇO – Pedro

CUBAS – Antônio, Brás, Francisco, Gonçalo e João

ESTEVEES ou TEVES – Brás

FERREIRA – Jorge

FIGUEIREDO – Pero de

GÓIS – Cipião, Gabriel, Luiz e Pedro

LEME – Antão e Pedro

LEITÃO – Domingos e Jerônimo

MONTEIRO – Cristovão

OLIVEIRA - Antônio de

PINTO – Antônio, Francisco e Rui

PIRES – Jorge

PROENÇA - Antônio de

RODRIGUES - Diogo

Obs.CBG: Transcrição dos **31** nomes apresentados pela revista.

Jornal online Correio da Manhã (Portugal) – edição 14.09.2003
Aqui respeitada a grafia portuguesa.

Na Ponte de Misarela, que une as margens do Rabagão, houve pactos com o belzebu para dar filhos a mulheres desesperadas. Como pagamento, a alma e o nome da criança: Senhorinha se rapariga fosse, Gervásio se nascesse varão.

Por oito vezes, a ir ou a vir da central eléctrica onde trabalhava, sempre pelas quatro da madrugada, António Jeremias encontrou, no meio da “Ponte do Diabo”, jovens casais. Já não se lembra da primeira vez que foi convidado para celebrar o baptismo 'in ventris'. Mas sabe que das oito vezes resultou - nasceu um bebé. Os rapazes chamam-se Gervásio, as raparigas Senhorinha.

Os baptismos na ponte já não se devem fazer, a julgar pelos registos de nascimento ocorridos nos concelhos de Montalegre e de Vieira do Minho. Nas aldeias próximas da Ponte da Misarela ninguém ouviu falar de baptismos recentes em tais moldes. O pároco da freguesia de Ferral diz que “nos últimos anos não há registo de baptismos a Gervásios ou Senhorinhas, aliás, penso que são nomes que irão desaparecer”. O padre Domingos também garante que “nunca mandei, nem mandaria, algum casal à famosa Ponte”. Se agora os jovens casais não recorrem às virtudes que, segundo a Lenda da Misarela, a ponte e água do rio Rabagão terão, ainda há vinte ou trinta anos, as populações isoladas da região do Barroso, “quando não tinham mais onde recorrer, iam à Ponte, que mal não faz”.

A LENDA

O cenário é a velha Ponte da Misarela sobre o rio Rabagão, localizada na aldeia de Sidrós, freguesia do Ferral, concelho de Montalegre. Não se sabe quando este episódio ocorreu, mas na origem da convicção popular está a fuga de um criminoso que, por entre montes e penhascos do Barroso escapava da Justiça. Encurralado, sem possibilidade de atravessar o rio, exclamou: “Por Deus ou pelo Diabo, havia de me aparecer aqui uma ponte!”. E, no instante seguinte, surge a ponte... com o Diabo no centro. “Deixo-te passar se me venderes a alma”, disse. O homem concordou e lá passou a salvo para a outra margem (e à medida que caminhava, a ponte ia desaparecendo nos seus calcanhares). O foragido contou, anos mais tarde, a um padre da região o sucedido. O padre, disfarçado de salteador, à meia-noite, colocou-se no penhasco e chamou o Diabo. “Passa-me para o outro lado e dar-te-ei a minha alma”, propôs. Satanás esticou-lhe um pedaço de pergaminho, dizendo: “Assina!”. O padre assinou. O Diabo, com um gesto, faz aparecer a ponte. O sacerdote passa e, enquanto o Diabo esfrega um olho, atira água benta sobre a ponte, fazendo o sinal da cruz. O Diabo, enganado, desaparece num buraco aberto nas rochas. A ponte benzida permanece. Dizem que por lá passaram Santa Senhorinha e São Gervás, a caminho de Santiago de Compostela, para visitar o primo, São Rosendo.

Estas são as razões que levaram os populares da região barrosã – especialmente rica no que ao lendário respeita - a acreditar que, quando uma mulher, decorridos que sejam dezoito meses após o seu enlace matrimonial, não houver concebido, ou, quando grávida, se prevê um parto difícil ou perigoso, não tem mais que ir à Misarela, à meia-noite. Ali, com marido e familiares, espera que passe um homem, que será convidado a realizar uma cerimónia de baptismo 'in ventris'. O caminhante tem que encher um copo com água colhida do rio e com a mão em concha deitá-la no ventre da mulher, acompanhando com a seguinte ladainha: “Eu te baptizo criatura de Deus, pelo poder de Deus e da Virgem Maria. Se for rapaz, será Gervásio, se for rapariga, será Senhorinha. Pelo poder de Deus e da Virgem Maria, um Padre-Nosso e uma Ave-Maria”. Segue-se uma lauta ceia.

O PADRINHO DA PONTE

António Jeremias fez esta cerimónia oito vezes. “Não acredito muito nisso. Mas deixa-me confuso porque aquelas mulheres tinham tido desmanchos e depois de terem estado na ponte, nunca mais tiveram problemas em engravidar e tiveram filhos saudáveis, pelo que sei”. Crente, ou não, ser “padrinho da ponte” é algo irrecusável. “Isso não, sempre que me pediram aceitei, claro. Houve vezes que fazia aquilo ligeiro, porque estava apertado para chegar a horas ao trabalho. Mas nunca se recusa”. Durante 34 anos, seis dias por semana, atravessou a Ponte, em direcção à Central da EDP, no alto da encosta de Ferral, sempre acompanhado de uma pistola. “Eram caminhos escuros, estreitos, e, naquele tempo, existiam muitas raposas, cães bravos e outros animais. Tinha que andar sempre atento”.

Jeremias não conheceu todos os 'afilhados'. Soube que as mulheres tinham dado à luz um bebé saudável. Também não se recorda bem de todos os episódios. Mas há um que não se esqueceu. “Ela vinha de Currais e não lograva ter filhos – já tinha tido desmanchos. Bem, lá foi à Ponte nessa noite e eu fui o primeiro a passar, claro, passava lá sempre. E um dia, não sei bem, mas menos de um ano após a noite do baptismo, o casal aparece com uma menina nos braços a convidaram-me para ser padrinho na igreja. Ela chama-se Senhorinha, tem 26 anos, estudou, mas foi lá para fora trabalhar porque aqui não consegui emprego. Olhe, até o falecido Padre Caridade ficou espantado por aquela mulher ter conseguido lograr uma menina saudável. Ela é minha afilhada mesmo. Sabe que ser padrinho da Ponte não dá obrigações nenhuma, mas da Igreja é diferente.” Jeremias reformou-se quatro anos depois. Dos outros sete 'afilhados' pouco sabe. “Um é de Ruivães, outra é de Fafião, os outros são para além dos montes, não sei nada”. Jeremias foi pai cinco vezes e “nunca tive que passar uma noite na Ponte da Misarela.” A mulher ri.

OS BAPTISMOS

Antes de Senhorinha Gonçalves nascer, sua mãe teve dois 'desmanchos'. Seus pais viviam numa aldeia de Montalegre e, claro, conheciam a lenda da Misarela. Decidiram tentar, “mesmo que a minha mãe não acreditasse naquela história mas, como ela dizia, mal não faria”. Seria apenas uma noite ao relento à espera de um caminhante. Foram. Ele meteu uma pedra dentro do copo. Colocou-se no centro da ponte e largou o copo, preso a uma grande corda, até bater nas águas do Rabagão. Quando o caminhante chegou à Ponte viu-o de copo cheio numa mão, a outra segurava o braço da mulher. Fez-se o baptismo. E passados onze meses nasceu uma menina.

“A minha mãe mesmo depois de ter nascido, dizia que não acreditava na lenda. Eu também não acredito! Mas a família sempre achou piada à história”, conta Senhorinha, de 60 anos, a viver em Pisões, Montalegre. Senhorinha soube da lenda e do baptismo na ponte “por volta dos nove anos” mas “nunca demos importância à história, no entanto, depois da minha mãe ter estado na ponte nunca mais teve problemas: nasceram seis filhos! No entanto, não digo que foi por causa da lenda”. Quando vai à terra e passa junto à barragem de Venda-Nova, o filho, de 20 anos, sempre exclama “Olha mãe, a tua ponte”. “É uma piada nossa”, conta Senhorinha que, no ano passado, deixou de fazer partos. “Eu não acredito na lenda mas acredito no baptismo. Eu também fiz muitos baptismos 'in ventris' e nisso acredito”. Talvez por isso, Senhorinha tivesse mantido uma relação próxima com o seu 'padrinho da ponte'. “Já faleceu, mas sempre convivemos. Ele trabalhava na central e era uma pessoa excelente. Ainda hoje visito a sua mulher, a quem trato por madrinha”.

Gervásio Oliveira nasceu em Montalegre há 77 anos. Confessa que “não gosto muito de falar nisso. O meu nome é Gervásio e pronto. Não quero saber da lenda”. Lá vai contando que sua mãe foi à ponte já grávida, pois “parece que os primeiros meses foram ruins. O meu pai não achou boa ideia, mas foi”. Gervásio diz nunca ter conhecido o 'padrinho da ponte'. “Nunca falamos disso. Eu soube da história por um primo. A minha falecida mãe é que acreditava nessas histórias.” Gervásio não quer falar mais da lenda, mas confessa que, por duas vezes, atravessou a Ponte. “Olhe, mal não faz”.

OS DESCENDENTES

Uma grande percentagem dos Gervásios registados nos registos civis da região Norte indica que a origem do seu nome não está, directamente, ligado à lenda da Misarela. António Gervásio, autarca e residente em Braga, deve o nome ao padrinho de baptismo. “Ele já faleceu, mas parece que ele sim, chamava-se Gervásio porque a sua mãe passou a noite na Misarela.” Também Gervásio Poças, psicólogo do Porto, natural do Salto, Montalegre, afirma que “nada teve a ver com a ponte. Chamo-me Gervásio por causa do meu tio-avô Gervásio, esse sim filho da lenda, ou melhor, a mãe dele parece que recorreu à ponte. Mas, realmente, é nome muito pouco vulgar. Não há muitos pois não?”. Cada vez há menos. E o padre Domingos prevê que Gervásio e Senhorinha irão desaparecer. Nos registos civis não aparecem há muito crianças com estes nomes. Para conhecer a ponte basta que encontre a estrada entre Braga e Chaves, a nacional 103, até Ruivães. Depois de passar o edifício/sede dos Bombeiros Voluntários de Ruivães encontrará uma placa informativa. Basta virar à esquerda e descer até chegar a um entroncamento. Junto à confluência do rio Rabagão com o rio Cavado estacione a viatura e percorra a pé, cerca de um quilómetro, até chegar à ponte.

<http://www.cmjornal.xl.pt/domingo/detalhe/montalegre-os-filhos-do-diabo.html>

O MILAGRE DO SANTO PESSOA FÍSICA

Publicação Jus Brasil – 03.06

Autor: Matheus Galvão - Formado em Direito pela Universidade Federal da Bahia.

O fato curioso começou na cidade de Paracatu, em Minas Gerais, quando um casal ingressou com uma ação que pedia a retificação de uma área de 45 hectares que teriam sido subtraídas de seu terreno. O terreno - ou pelo menos uma parte dele - pertencia ninguém menos que São Sebastião. O casal inicialmente ganhou a causa e teve o terreno retificado, mas a Mitra Diocesana de Paracatu foi à Justiça para anular a retificação e saiu vitoriosa. O casal resolveu, então, recorrer e a apelação foi desprovida. O caso chegou ao Superior Tribunal de Justiça - STJ.

O caso é bastante interessante, envolvendo temas de Direito Civil e Processual Civil, mas uma das principais questões era basicamente: **um santo tem personalidade jurídica? Santo pode receber doação? Quem representa o santo judicialmente?**

SENTENÇA PROFERIDA EM PROCEDIMENTO DE JURISDIÇÃO VOLUNTÁRIA. COISA JULGADA FORMAL. DESCABIMENTO DE AÇÃO RESCISÓRIA.

1. *A doação a santo presume-se feita à igreja uma vez que, nas declarações de vontade, atender-se-á mais à intenção nelas consubstanciada do que ao sentido literal da linguagem (inteligência do art. do Código Civil de 2002).*
2. *"A Mitra Diocesana é, em face do Direito Canônico, a representante legal de todas as igrejas católicas da respectiva diocese" (RE n. 21.802/ES), e o bispo diocesano, o representante da diocese para os negócios jurídicos em que se envolva (art. 393 do Código Canônico).*
3. *A sentença prolatada em procedimento de jurisdição voluntária produz coisa julgada meramente formal, tornando descabida a ação rescisória (art. 485 do CPC) para alterá-la.*
4. *Recurso especial desprovido.*

O casal não conseguiu a anulação e São Sebastião levou a melhor.

REMETENTE



COLÉGIO BRASILEIRO DE GENEALOGIA
www.cbg.org.br

EXPEDIENTE

Boletim Informativo
COLÉGIO BRASILEIRO DE GENEALOGIA

Av. Augusto Severo, 8 - 12º andar - Glória
20021-040 - Rio de Janeiro - RJ
Tel.: (21) 2221-6000

Diretoria: Presidente Regina L. Cascão Viana
Vice-Presidente Carlos Eduardo de Almeida Barata
1º Secretária Patrícia de Lima Bocaiúva
2º Secretária Eliane Brandão de Carvalho
1º Tesoureiro Antonio Cesar Xavier
2º Tesoureiro Guilherme Serra Alves Pereira
Dir. Publicações Leila Ossola
Auxiliares Cinara Maria Bastos Jorge
Clotilde Santa Cruz Tavares
Eliana Quintella de Linhares
Gilson Flaeschen
Laura de Saint-Brisson Ferrari
Conselho Fiscal: Attila Augusto Cruz Machado
Hugo Forain Junior
Victorino C. Chermont de Miranda

Dias e horários de funcionamento:

2ª-feira de 13 às 17 horas / 3ª-feira de 14 às 17 horas

Página: www.cbg.org.br

Email: cbg@cbg.org.br

Diagramação: Escale Serviços de Informática

Impressão: Letras e Versos

DESTINATÁRIO

IMPRESSO